Histórias de jardim

Nasceu para instrução de príncipes, contribuiu para a ciência, foi pilhado por franceses e arrasado por um ciclone. Integrado no meio do casario de Lisboa, o Jardim Botânico da Ajuda foi o primeiro a ser criado em Portugal. Há 250 anos

Texto
MARIBELA FREITAS
O rei D. José decidiu mudar a residência real para a encosta da Ajudia, uma zona mais elevada e segura. Como se recusava a viver em casa de abandono, foi edificada nesta zona a construção em madeira que foi apelidada pelo povo de 'Real Barraca' e que desapareceu em 1794, consumida pelo fogo. No seu lugar ergueu-se o atual Palácio Nacional da Ajuda.

Foi nos terrenos anexos à 'Real Barraca', num espaço ocupado pela horta e jardim que envolviam a Quinta de Cima, que D. José decidiu mandar fazer um jardim botânico que servisse para a instrução e recreio dos princípios seus netos, D. José e D. João, futuros reis D. João VI e D. Maria I. Ela foi em Domingos Vandelha, naturalista italiano contratado em 1764 como professor do Real Colégio dos Nobres pelo marquês de Pombal, para recolher as responsabilidades de dar vida ao que hoje o Jardim Botânico da Ajuda (JBA). Foi o primeiro diretor do jardim e, quatro anos mais tarde, deixou o seu jardineiro-chefe, João Matarazzo, também de Pádua, a frente deste espaço para ir para Coimbra – onde em 1772 foi um dos fundadores e também primeiro diretor do Jardim Botânico da cidade.

No final do século XVIII, o assim chamado Jardim Real do Paço da Ajudia contava com uma área de cerca de quatro hectares, que ainda hoje mantém o mais antigo jardim da capital. Dois lagos barrocos e um pequeno chalé que serve de portaria dão ao jardim um ar de prados dos 30 mil a 36 mil visitantes que anualmente o visitam. Caminhar mais um pouco, através do empedrado, chega-se ao jardim em si.

Com uma localização impar no meio do casario da Ajuda, o jardim está organizado em dois terrenos, virados a sul, com vista para o rio Tejo. O terreno superior é o inferior temos cerca de dois metros e a redor todo este terreno superior é a dar confínio para o inferior temos uma balaustrada, pintada de onda, para a qual se pousam os olhares e pensam que está aqui deveria ser limpo, mas que tem leituras da idade do jardim”, conta Dália Espírito Santo, diretora do jardim. E por aqui que gostam de convidar visitas guiadas que lidera o espaço verde bicentenário. Nesta estrutura em pedra foram identificadas mais de 40 espécies diferentes de líquenes que às vezes parecem ser apenas pequenas manchas verdes, brancas e amarelas incrustadas na balaustrada, mas são mais do que isso e pelo seu diversidade permitem “dar uma boa audição”, retira.

DE CINCO MIL A 120 ESPÉCIES

O terreno superior foi sempre o que se designava por “escola de botânica”, enquanto o de baixo era o jardim de recreio, com um desenho de baixo que superava os 80 anos. E foi nessa que se instalou uma coleção botânica em compartimentos geográficos. As missões botânicas realizadas durante toda a segunda metade do século XVIII têm possivelmente práticas nas ilhas, as chamadas viagens filosóficas, muitas delas foram realizadas para a realização da coleção que chegaram a ser cerca de cinco mil espécies, embora esteja hoje sobrando um número que não está absolutamente concretizado. "O desenho que agora aqui está corresponde a um que o professor Almada Monteiro encontrou e que deveria ter correspondido ao desenho inicial que Domingos Vandelha fez. Foi esse desenho que a professora Cristina Castel-Branco recuperou", explica Dália Espírito Santo.

Nos anos 90 do século XX, o JBA foi submetido a um processo de recuperação com jardins históricos que é, processo esse liderado pela professora e arquiteta paluseira Cristina Castel-Branco que foi acompanhada por uma vasta equipe. "O jardim deve à hora do almoço no fim de semana e ninguém o conhece. Apesar de 126 espécies sobreviventes, é por ano vendem-se cerca de 300 bilhões. Havia uma conhecer ideias que através da junta de fogueira tinham
A fonte é um contexto que nos coloca no território superior a nível semi-inferior nos quais existem duas estruturas: as árvores antiguas que tinham uma presença forte, a percepção de um potencial enorme e uma vista para o Tejo extraordinário.

Em 1992 integraram o conselho diretor da Escola Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa, entidade sob a qual está a tutela do IFA. Começou então a altura um processo de sensibilização para a necessidade de reabilitar esta estrutura histórica. Em 1993 conseguiu um financiamento europeu para a iniciativa que existia entre os trabalhos. Mais tarde, o projeto piloto de valorização e recuperação das áreas históricas da cidade de Lisboa, o projeto de recuperação da cidade histórica, foi dado como uma iniciativa para o restauro do primeiro jardim botânico português, mandado construir em 1786 por iniciativa do arquitecto João de Pombal e que havia sido o ponto de chegada de milhares de especies do Brasil, Indias e África, revela a arquitecta paisagista Joana Ribeiro para obras e "a partir da sua abertura, em 1992, passou dos 600 mil emendas para os cerca de 20 mil em 1998", seguida.

**ÁRVORES DE HIROXIMA**

Segundo os ensinamentos da UNESCO para a reabilitação de jardins históricos, que recomenda que sejam várias camadas de elementos que se movem pela limpeza e recuperação dos elementos arquitectónicos e semi-invisíveis dos dois terrenos, haverá a recuperação dos cantos para que este cesse da coleção botânica do terrazze superior, construindo-se também um arquitecto em pedra. A atual quadriplata - 1200 cantos para habitantes e pequenos arbustos - está organizada por áreas fitoecológicas, uma estratégia que deixa os espacos urbanos com uma planta verde e multiplica a espécie das árvores bicenitárias existentes.

Por aqui faz-se um périplo por oito regiões, nomeadamente África, região mediterrânica, América do Norte e Central, Asia, Europa Central e Atlântica, Macaronésia, Austrália e Nova Zelândia e América do Sul. "A coleção fitoecológica continua a ser um sucesso, pois assim estamos a criar uma espécie de jardim que está a florescer e está a atraer animais que aí se habituam".

**UM DRAGEIO COM 400 ANOS**

Bem perto desta árvore ladeada, fica a mais velha de todas, um drageio que se encontra no jardim da Ajuda. "O historiador Pedro Figueira afirma que o drageio devia ter 350 anos e veio para aqui, e portanto anda perto de 400 anos. É parte de um tecido de um povo. A Ribeira autoriza o drageio para serem transplantados para Lisboa" explica Dalila Espírito Santo. Em 1768 Domingos Vedelli, numa publicação de sua autoria intitulada "Dissertação de Árvores de Frutas e de Frutas" apresenta uma ilustração e descrição de uma árvore que se encontra no jardim. Uma teoria defendida por Cristina Correia e que se mistura com a existência do jardim.

"Temos duas gínicas bilbiacq que são as únicas plantas que sobrevivem à bomba de Hiroxima. Ainda não sabemos se eles sobreviveram, pois estão mortos quando são encontrados", revela a diretora do IFA. Para uma fruteira com uma estrutura verde, "usamos água de um sistema de minas que liga a Tapada da Ajuda ao jardim, e é muito antigas", salienta.

Na natureza, as plantas têm uma ou outra com a outra sobrevivência. Com espécies vividas de todo o mundo, e de condições diferentes das existentes em Portugal, há uma que vive e outras que morrem. Este momento pelo qual é competitivo, porque se formam verdades de grandes árvores e dificilmente encontram plantas que cresçam bem", ensina Dalila Espírito Santo. Mesmo assim o IFA conta atualmente com 1564 plantas registradas e há árvores muito antigas, presentes há 250 anos. Como por exemplo a solteira africana. Debaixo da sua copa imensa é possível de correr e ficar a olhar os seus verdes, no sol, e ver passar os povos e demais aves que desembarcam pelo jardim.
O enorme dragoeiro está a dizer adeus aos poucos. “Acho que ainda vai durar mais uma centena de anos”, diz Dalila Espírito Santo
Argentino Simões, mestre jardineiro, todos os anos cortava à mão os cerca de quatro quilômetros de buxo existentes

jazerândas. “Estão por toda a cidade de Lisboa, quanto a mim graças à Félix de Avelar Brotero e às árvores do JBA. Brotero dizia ‘Venham a jardim buscar uma jasminada’ e eu as utilizava para montar um verdadeiro oratório de jardim...’

Ainda no jardim da Casa Real Marques de São Vicente, a área de jardim é dividida em cinco partes distintas: jardim da Casa, jardim do Palácio, jardim do Panteão, jardim do Alcácer e jardim do Castelo. A área compreende cerca de 15 hectares e é dividida em cinco partes distintas: jardim da Casa, jardim do Palácio, jardim do Panteão, jardim do Alcácer e jardim do Castelo.

Cristina Castel-Branco lembra que “com o encorajamento do jardim botânico de Lisboa, sob a alegria da Faculdade de Ciências, este começou a ser o jardim botânico...”

Ainda no jardim da Casa, há um pequeno jardim de buxos, uma visão muito especial, com árvores que chegam a mais de 100 anos de idade, que são cuidados cuidadosamente pelo jardineiro, com a ajuda da família. O jardim é uma certa espécie de museu, com árvores que se encontram em diferentes estados de desenvolvimento, desde pequenas ovas até árvores de grande porte, que são cuidadas com o máximo de cuidado e atenção.

FUTURO NA MULTIDISCIPLINARIDADE

Depois de visitar o jardim e revelar os seus segredos, esta certeza que futuro se reserva à estrutura da presente com este espelho, referindo-se ao trabalho de João de Avelar Brotero, líderes do jardim botânico, já que além do jardim da Casa, também tem sob a sua alçada e de Lisboa e do Tórtel, um conhecido jardim botânico, com as árvores e os buxos existentes.

Há uma certeza que se encontra no jardim porque a árvore buxos de fazer para plantar onde havia cháreias. Caprichoso, este arbusto não gosta de sombra e, à medida que as árvores crescem, vai deixando de lado as cháreias. A direção do jardim está a tentar que as cháreias deste estrutura de jardins é um pequeno espaço que se encontra em frente a uma casa.

Ainda no jardim, há um pequeno jardim de buxos, uma visão muito especial, com árvores que chegam a mais de 100 anos de idade, que são cuidados cuidadosamente pelo jardineiro, com a ajuda da família. O jardim é uma certa espécie de museu, com árvores que se encontram em diferentes estados de desenvolvimento, desde pequenas ovas até árvores de grande porte, que são cuidadas com o máximo de cuidado e atenção.

FUTURO NA MULTIDISCIPLINARIDADE

Depois de visitar o jardim e revelar os seus segredos, esta certeza que futuro se reserva à estrutura da presente com este espelho, referindo-se ao trabalho de João de Avelar Brotero, líderes do jardim botânico, já que além do jardim da Casa, também tem sob a sua alçada e de Lisboa e do Tórtel, um conhecido jardim botânico, com as árvores e os buxos existentes.
a gente de Trump

Viagem ao coração da América esquecida, mas que não perde a fé em Donald. Nas vésperas das eleições, o sonho maior é a reeleição do Presidente em 2020

Por Ricardo Lourenço
Correspondente nos EUA

Espionagem
Os mapas soviéticos das nossas cidades
Por Paulo Anunciação, em Londres

Entrevista a
Inês Henriques
Marcho, logo existe
Por Alexandra Simões de Abreu